

SANGUE
LATINO

Hans Staden

A distância que separa o Brasil de seus vizinhos da América Latina é uma questão permanente. Há um sem-fim de razões para que essa questão seja discutida e analisada a fundo. Há um sem-fim de interesses para que ela continue sendo posta de lado. Ainda assim, e mesmo enfrentando sempre esforços evidentes, internos e externos, para ser posta de lado, a questão é cada dia mais vigente.

Hoje, o Brasil desempenha um papel preponderante no continente. Ocupa um espaço próprio, consolidado, e que tem como base não apenas suas dimensões geográficas e populacionais, mas o peso de sua economia. Outras razões deveriam ser mencionadas e reconhecidas. Sua cultura, suas artes, por exemplo. Mas disso, pouco se fala, e do pouco que se fala, pouco se faz.

No âmbito da América Latina, haveria, é verdade, outro candidato a exercer a liderança – o México, segunda maior população, segunda maior economia, com uma cultura rica, diversificada e de raízes profundas. Mas a dependência mexicana de seu vizinho do norte, os Estados Unidos, tolhe parte substancial de suas perspectivas.

Assim, o Brasil assumiu, ao longo dos últimos dez ou quinze anos, esse papel de destaque. Ao mesmo tempo, passou a contar com espaço mais sólido no cenário mundial. Tudo isso serve cada dia mais para uma real aproximação com nossos vizinhos, sempre que se entenda por aproximação e integração algo que ainda falta – um algo além do comércio ou do exercício de uma liderança baseada essencialmente no poder econômico.

A partir da chegada de Lula da Silva ao poder o Brasil passou a ter e exercer cada vez mais um peso político determinante na região. Trata-se de algo sabido e reconhecido, aqui e lá. Será essa a tão esperada aproximação, será esse o verdadeiro processo de integração entre nossos países?

Creio que não. Ainda não.

Continuamos ignorando a verdadeira realidade dos nossos vizinhos, que é também nossa. E assim continuamos nos sentindo alheios à nossa realidade. Continuamos achando que a América Latina são eles, e que nós somos diferentes. Não sabemos exatamente qual a diferença, mas eles são eles e nós somos nós.

Aliás, e pensando bem, desde o começo dos começos as relações entre o Brasil e seus vizinhos tiveram como característica destacar as diferenças e distâncias, e não as coincidências e proximidades. Houve sempre uma clara resistência na hora de ver os pontos que nos aproximam, e uma forte insistência em revelar os que nos distanciam.

Um dos resultados desse processo é palpável e sensível: até hoje não nos sentimos latino-americanos, e isso se reflete inclusive no dia a dia dos trabalhadores das artes e da cultura. Basta lembrar que mencionamos a música latina, ou o cinema latino, ou a literatura latino-americana como algo alheio a nós – como se fôssemos nórdicos, ou celtas, ou lituanos.

Nossa própria formação é propícia a esse tipo de engano. É como se existisse uma hispano-América, integrada por todos os outros países, e uma luso-América, formada apenas por nós.

BRASIL E AMÉRICA LATINA: O DESCOBRIMENTO QUE AINDA NÃO ACONTECEU

Para começo de conversa, vamos ao que é óbvio: o Brasil foi colonizado pelos portugueses, os outros países por espanhóis.

Além do mais, convém lembrar que durante 14 anacrônicos anos nosso país, mesmo sendo colônia, foi sede da Corte de Portugal, enquanto a coroa espanhola, que controlava a colonização dos outros, concedeu no máximo a categoria de vice-reino a regiões do que depois seriam países.

Nessas diferenças e distâncias há curiosidades. Por exemplo: o navegador italiano Cristóvão Colombo procurou, em vão, os soberanos portugueses buscando patrocínio para sua desvairada viagem. Se tivesse convencido Portugal, outra seria a nossa história, e talvez mais homogênea teria sido a colonização do continente americano. Colombo acabou conseguindo o apoio dos Reis Católicos da Espanha, e foi em nome da coroa espanhola que aportou em nossas comarcas.

Entre 1492 e 1494 – antes, portanto, da chegada de Pedro Álvares Cabral às nossas praias – uma série de bulas papais foram emitidas, concedendo aos Reis Católicos da Espanha os privilégios da conquista iniciada por Colombo. Foi decretada a jurisdição espanhola sobre todas as terras conquistadas e por conquistar ao oeste do meridiano das ilhas de Cabo Verde e Açores.

O rei João II de Portugal reclamou com o Papa, e novas bulas papais trataram de conceder alguns direitos aos portugueses. Quando a tensão entre essas duas potências da época começou a atingir níveis inquietantes, as coroas entraram num acordo. Foi assinado, em 1494, o Tratado de Tordesilhas, determinando a “partição do mar oceano” e delimitando zonas em todas “as terras descobertas ou por descobrir”.

Seja como for, essa demarcação jamais foi estabelecida. Portugal e Espanha tentaram sempre situar essa imprecisa linha divisória onde melhor lhes conviesse, de acordo com os interesses do momento, e no lusco-fusco dos tempos os portugueses acabaram levando a melhor.

Se o Tratado de Tordesilhas tivesse sido seguido à risca, o Brasil teria hoje um terço de seu território: o resto seria espanhol.

Cabral aportou aqui em 1500, mas foi preciso que se passassem três décadas para que Portugal mandasse uma primeira expedição colonizadora, encabeçada por Martim Afonso de Sousa. Cabral, aliás, não era propriamente um navegador, como o foi Cristóvão Colombo. Era um comerciante. Sua viagem, que acabou dando no Brasil, não tinha como finalidade explorar novas terras, mas estabelecer o comércio com o porto de Calicute, na Índia.

Antes da expedição de Martim Afonso de Sousa, houve outras duas, chamadas de exploração, que em 1501 e 1502 percorreram rapidamente boa parte do litoral brasileiro. Perceberam que não se tratava de uma ilha, como Cabral havia dito, e foram embora. Também concluíram que a nova colônia não oferecia grandes atrativos: era demasiado extensa, tinha muita madeira mas nenhum indício de metais valiosos ou pedras preciosas, nem de especiarias.

Numa época em que as Índias eram o sonho dourado, quando um punhado de pimenta valia um punhado de ouro, a façanha de Cabral só despertou decepção e tédio. A madeira oferecida



O descobrimento do Brasil



HÉLIO XEREM



Brava gente brasileira

pela nova colônia e a enorme extensão do território requeriam um investimento demasiado alto para sua ocupação, conquista, exploração e defesa. Portugal achou que o novo país era caro demais. Melhor seria deixá-lo nas sombras e continuar investindo na Índia.

Sem nenhuma perspectiva de conseguir arrancar daqui benefícios imediatos, Portugal deixou de lado o novo território. E assim ficamos, ao léu, até Martim Afonso de Sousa aportar em nosso chão. Quando ele chegou, havia alguns franceses perambulando pelas nossas praias, é verdade. Depois de expulsar os intrusos, Portugal começou – vale repetir: 32 anos depois da chegada – a erguer vilas. A primeira cidade brasileira foi São Vicente, no estado de São Paulo, fundada em janeiro de 1532.

Naquela altura, no resto da América os espanhóis haviam avançado de maneira determinada e determinante. Enquanto o Brasil começava a ter cidades, nas colônias espanholas se pensava em criar universidades.

É compreensível: afinal, desde 1218 a Espanha contava com a Universidade de Salamanca, uma das quatro ou cinco mais antigas do mundo. A primeira universidade da América Latina, a de San Marcos, no Peru, foi criada em 1551. Já os portugueses não permitiram que os cursos superiores instalados no Brasil fossem unidos numa universidade. Tanto assim que a primeira universidade brasileira surgiu em 1920, por decreto do presidente Epitácio Pessoa: a que hoje se chama Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Agora, atenção: convém lembrar que os espanhóis não foram nem um pouco menos bárbaros e sanguinários que os portugueses em sua conquista da América. A diferença é que uns colonizavam enquanto arrasavam, e os outros levaram décadas só arrasando o terreno conquistado. Em lugar de colonizar, a coroa portuguesa doou terras. Não quis assumir maiores responsabilidades. Deixados à própria sorte, poucos donatários conseguiram progredir.

Assim, antes de 1540 as colônias espanholas cobriam quase todos os territórios conquistados, enquanto no Brasil o que havia era uma população esparsa, concentrada basicamente em alguns poucos pontos do litoral daquele mesmo mar oceano disputado pelos corsários do mundo.

Houve, no calendário, uma chance de integração da América Latina. Em 1580, ocorreu a fugaz união ibérica, unindo os reinos de Portugal e da Espanha. Com isso, o processo colonizador do Brasil finalmente ganhou algum impulso.

Mas não houve nenhuma aproximação com nossos vizinhos, a não ser a que significou invasão e ocupação de territórios. Havia robustos punhados de invasores em vários pontos do mapa brasileiro. Holandeses no nordeste, franceses no norte e no litoral sudeste, e na briga para expulsar esse bando de invasores os portugueses acabaram indo parar muito além dos precários limites estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas. Em pouco mais de 100 anos a coroa portuguesa duplicou suas terras na América do Sul.

Expedições violentas para aprisionar e escravizar índios acabaram arrasando missões jesuítas espanholas, e ao longo do século XVIII os portugueses foram semeando gente na Região Centro-Oeste do Brasil, acrescentando mais e mais territórios ao mapa original da colônia. Isso levou a novos acordos com a Espanha, e o avançar lusitano não mudou de ritmo, mas de rumo: foi a vez de conquistar vários espaços da Amazônia.

Quando chegou a hora da independência, surgiram vários focos de resistência interna. Com isso, o Brasil imperial, e depois o dos primeiros anos da República, consumiu tempo e energia em conseguir o reconhecimento de suas fronteiras e em consolidar o poder sobre os territórios legados pela Coroa portuguesa.

Essa, a herança que nos foi deixada: um território vastíssimo e uma pertinaz disputa entre as coroas de Portugal e Espanha, que se resumiu ao longo dos tempos num claro distanciamento entre o Brasil e seus vizinhos.

O sentimento, a consciência americanista, palpável nos países hispano-americanos, está e sempre esteve longe da nossa formação e convicções.

A comunidade de convergências e interesses comuns vislumbrada por Simón Bolívar, José de San Martín, José Artigas ou José Martí, que ultrapassava as fronteiras das nossas respectivas pequenas pátrias, as *pátrias chicas*, e propunha a Pátria Grande, que seria formada por todos, é uma visão hispano-americana que não chegou aos brasileiros. Esse espaço imaginado e sonhado por muitos homens valiosos jamais chegou a nos seduzir.

Vivemos sempre, e em grande medida continuamos vivendo, de costas para os outros. Até há algum tempo, houve, é verdade, períodos intermitentes que resultaram em etapas de aproximação, da busca do conhecimento e do reconhecimento. Mas nunca chegamos a compartilhar a mesma respiração. O que aconteceu foram, no máximo, períodos de suspiros ou soluções comuns.

Os impérios que fizeram rodízio no controle desta parte do mundo – Portugal, Espanha, o Reino Unido, os Estados Unidos – se encarregaram de manter essa distância. Nós, latino-americanos, lhes interessávamos desunidos. Unidos, seríamos um perigo à ambição de cada império de turno.

Sobram exemplos desse mecanismo, que sempre contou com parte substancial das elites locais como aliados essenciais.

Se formos pensar em nossos vizinhos mais próximos, com quem dividimos interesses essenciais – a Argentina –, o quadro é esclarecedor.

A formação das duas grandes nações sul-americanas, a Argentina e o Brasil, obedeceu, em primeiro lugar, aos interesses das metrópoles, ou seja, os reinos de Portugal e da Espanha. Daí vem boa parte da distância imposta entre os dois países.

Nos tempos de gula expansionista, nós, a antiga colônia portuguesa, avançamos rumo ao norte e ao centro-oeste, onde tropeçamos com selvas cerradas. Rumo ao sul, tropeçamos com os hispânicos. O reino espanhol, interessado basicamente na exploração dos metais preciosos do altiplano do Peru e da Bolívia, se distraiu diante dos planos expansionistas de Portugal rumo ao estuário do Rio da Prata. Foram as correntes migratórias que desciam desses altiplanos e encontravam na região do Rio da Prata condições excelentes para o desenvolvimento agropecuário que acabaram resistindo aos avanços do norte – nossos avanços.

Tudo isso e muito mais está na raiz da oscilação entre os choques e as tênues manifestações de aproximação. De um lado, as elites argentinas, que, no fundamental, respondiam aos

interesses do império britânico; de outro, as elites brasileiras, que buscavam as bênçãos e o amparo da nascente potência norte-americana.

O Brasil e seus vizinhos próximos e distantes sempre foram objeto de disputa e manipulação pelas grandes potências estrangeiras ao longo de toda a história. Houve de tudo para nos separar, para que nos víssemos como seres alheios a uma realidade comum. Assim foram feitos nossos países, assim fomos feitos nós.

É bem verdade que vivemos, hoje, um panorama que está mudando de maneira substancial. As relações entre o Brasil e os vizinhos do continente se aprofundaram, com evidentes conquistas nessa aproximação.

Os processos de resgate da democracia, com todos os seus tropeços vividos por nossos países, contribuíram de maneira decisiva para que se chegasse ao cenário atual. De meados dos anos 1990 para cá, o caminho do que seria uma normalidade impedida por séculos de desencontros parece ter sido retomado.

Ainda assim, nós, brasileiros, continuamos, sabe-se lá até quando, ignorando uma herança comum, da mesma forma que continuamos a ignorar tantos outros pontos e espaços de encontro, conhecimento e reconhecimento.

O fim dos tempos em que o mundo se dividia entre dois polos, a turbulência que sacode os grandes centros econômicos, a potência de algumas economias emergentes (muitas delas latino-americanas), a soma de tudo isso mexeu muitas peças no tabuleiro mundial. Nós, latino-americanos, temos hoje, talvez mais do que nunca ao longo da história, todos os trunfos do nosso lado.

Resta a nós, brasileiros, realizar o verdadeiro descobrimento da América, que passa, inevitavelmente, por descobrirmos a nós mesmos como latino-americanos. Será uma espécie de descoberta do próprio Brasil.

Mas a verdade é que ainda vivemos, a não ser no comércio, um processo lento. Absurdamente lento.

Falta uma difusão maior da produção cultural, faltam mecanismos de cooperação e intercâmbio no campo da criação que escapem de papéis pomposos e cheguem à vida real, falta conhecimento mútuo entre nós.

É, vale repetir, um processo que ainda acontece com lentidão, e que não pode sofrer retrocesso algum: o preço seria alto demais.

Pela primeira vez e de maneira firme temos no Brasil governos com plena consciência disso. Além da retórica, além de gestos simbólicos, avançamos. Falta muito, mas estamos caminhando. E isso os brasileiros parecem não ter percebido e valorizado. Continuamos falando da América Latina como sendo terra alheia, terra deles, e não de todos nós. ■

Eric Nepomuceno é escritor, tradutor e jornalista. Perambula pela América Latina há mais de 40 anos. Foi colaborador permanente na antiga revista *Crisis*, dirigida por Eduardo Galeano. Morou em Buenos Aires, Madri e Cidade do México, trabalhando como correspondente estrangeiro. Além de contos (*A palavra nunca*, *Coisas do mundo* e *Antologia pessoa*), escreveu livros sobre Cuba, Nicarágua e, claro, o Brasil. Apresenta o programa *Sangue latino* no Canal Brasil.

